

A INDISSOCIABILIDADE DA HISTÓRIA E DA RELIGIÃO NA PRÁXIS SOCIAL

THE INDISSOCIABILITY OF HISTORY AND RELIGION ON SOCIAL PRÁXIS

LA INDISOCIABILIDAD DE LA HISTORIA Y DE LA RELIGIÓN EN LA PRAXIS SOCIAL

Maciel Fillvoch¹
Maria Tereza Xavier Cordeiro²

Resumo

Mostrar como indissociável o aspecto imaterial e material na experiência do homem em diferentes contextos é fundamental para a compreensão do ser humano como um todo. Na exploração desse aspecto imaterial e material na humanidade, o mito surge como uma necessidade que se desenrola gradualmente ao longo do tempo. O artigo começa abordando a compreensão de um mundo total, compartilhado entre os seres humanos e os deuses. Posteriormente, à medida que esse mundo total se divide e sofre a influência do idealismo platônico na Idade Média, passando pela Reforma Religiosa, ele desencadeia um debate profundo na escola de Hegel. Em um ambiente iluminista e no início do capitalismo expansivo, a abordagem marxista que surgiu criticou o aspecto metafísico e o entendeu como uma ferramenta de manipulação das classes dominantes. Foi também verificada a capacidade tanto do materialismo quanto do idealismo de absorver em si os anseios, transformando-os em objetos de adoração por si só. A religião se transforma em um produto de manipulação na cultura do lucro, que a utiliza como uma técnica, explorando esse aspecto humano dos sentimentos na alienação coletiva. Com o objetivo de discutir a intrincada relação de poder entre religião e dinheiro, sob a perspectiva de Foucault, abordamos a mercantilização do ser humano nas relações que o envolvem. Nessa construção, observamos que a religião é contínua e intrínseca na constituição da natureza histórica humana, desempenhando uma função tanto individual quanto coletiva. Percebemos que, em uma construção saudável na qual o materialismo e o idealismo são necessários, é preciso desconstruir os heróis para consolidar uma história integrada. Essa história não nega a importância do espírito e da matéria, mas, em última análise, busca culminar na experiência daquele que é o protagonista da história: o indivíduo, em seu aspecto subjetivo e objetivo. Nesse sentido, a tolerância é fundamental em uma sociedade que busca a experiência e a adaptação às diretrizes que a orientam.

Palavras-chave: matéria; espírito; experiência; totalidade.

Abstract

It is fundamental to show how the material and immaterial aspects of the human experience in different contexts are inseparable when the goal is to comprehend the human being as a whole. When exploring these material and immaterial aspects of humankind, the myth emerges as a necessity that unfolds gradually through time. This paper begins by approaching the comprehension of a whole world shared between mankind and the gods. After that, as this whole world is divided and is influenced by the Platonic idealism of the Middle Ages, passing through the religious reformation, it triggers a deeper debate on the philosophy of Hegel. In an enlightenment context and at the beginning of capitalism, the Marxist approach that emerged criticized the metaphysical aspect and saw it as a tool of manipulation for the ruling classes. The study also verified materialism and idealism's capacity to absorb the longings, transforming them into worship objects by themselves. Religion transforms itself into a product of manipulation in the profit culture, which utilizes religion as a technique to explore the sentimental aspect of the human being through collective alienation. With the aim of discussing the intricate relation between religion and money through Foucault's perspective, the study approached the commodification of human beings in the relations that involve them. In this construction, the research observed that religion is intrinsic and continuous when it constitutes historical human nature, performing an individual and a collective role. It was noted that, in a healthy construction, in which materialism and idealism are necessary, a deconstruction of the heroes is necessary to solidify an integrated history. This history doesn't deny the importance of the spirit and matter, but, ultimately,

¹ Licenciando em História no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: maciel100@gmail.com

² Professora no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: maria.br@uninter.com

it seeks to lead up to the experience of the main character of history: the subject and its objective and subjective aspects. That way, tolerance is fundamental in a society that seeks to adapt and experience its guidelines.

Keywords: matter; spirit; experience; totality.

Resumen

Mostrar como indissociable el aspecto inmaterial y material en la experiencia del ser humano en distintos contextos es fundamental para la comprensión del ser humano como un todo. En la exploración de ese aspecto inmaterial y material en la humanidad, el mito surge como una necesidad que se despliega gradualmente a lo largo del tiempo. El artículo empieza abordando la comprensión de un mundo total, compartiendo entre los seres humanos y los dioses. Posteriormente, a medida que ese mundo total se divide y sufre la influencia del idealismo platónico en el Medioevo, pasando por la Reforma protestante, él desencadena un debate profundo en la escuela de Hegel. En un ambiente iluminista y en el inicio del capitalismo expansivo, el enfoque marxista que surgió criticó el aspecto metafísico y lo entendió como una herramienta de manipulación de las clases dominantes. También se verificó la capacidad tanto del materialismo como del idealismo de absorber en sí los anhelos, transformándolos en objetos de adoración por sí mismo. La religión se transforma en un producto de manipulación en la cultura de la ganancia, que la utiliza como una técnica, explorando ese aspecto humano de los sentimientos en la alienación colectiva. Con el objetivo de discutir la intrincada relación de poder entre religión y dinero, bajo la perspectiva de Foucault, abordamos la mercantilización del ser humano en las relaciones que lo involucran. En esa construcción, observamos que la religión es continua e intrínseca en la constitución de la naturaleza histórica humana, desempeñando una función tanto individual como colectiva. Nos damos cuenta de que, en una construcción sana en la cual se requiere el materialismo y el idealismo, se necesita dismantelar los héroes para consolidar una historia integrada. Esa historia no niega la importancia del espíritu y de la materia, sin embargo, en último análisis, se busca alcanzar la experiencia de aquel que es el protagonista de la historia: el individuo, en su aspecto subjetivo y objetivo. En ese sentido, la tolerancia es fundamental en una sociedad que busca la experiencia y la adaptación a las directrices que la orientan.

Palabras clave: materia; espíritu; experiencia; totalidad.

1 Introdução

Dentro de um contexto considerado progressivo positivista, espírito e matéria continuam a sofrer preconceitos abruptos entre si, em uma continuidade de dualismo radical pernicioso nas interpretações da história. Por que há necessidade de sempre se abordar a história partir do concreto materialista ou do metafísico abstrato? Assim, é necessário criar um diálogo tolerante e democrático sobre o estudo da mentalidade humana em diferentes tempos. Compreender as demandas sociais sem a exclusão de um dos opostos, pautado na tolerância, com vistas a promover as diferenças como necessárias.

Em virtude da amplitude e das múltiplas possibilidades em torno do tema proposto, ele se restringe à consolidação do cristianismo como religião surgida em meio à contínua filosofia grega no seu desvencilhar da mitologia. Em torno da sua proposta gravita toda coletânea dos fundamentos teóricos coletados nos sites especializados e livros. Alguns dos autores pesquisados fazem parte de diferentes linhas de pensamento. Na metodologia, eles dialogam sobre a busca do fundamento como um ato humano e religioso.

Na perspectiva de adequar o eterno ao passageiro humano ou fazer a transitoriedade humana se adequar à eternidade, pautado tanto na concepção materialista quanto espiritualista

sobre o que seria essa eternidade. Alguns autores são de linha conservadora e espiritual, outros de linha materialista progressista, independente das tendências, eles inspiram na busca pela razão da experiência e propósitos humanos. Buscar compreender o processo histórico sem o preconceito anacrônico e centrista, independente do contexto fará com que se tenha uma perspectiva inerentemente humana dele.

Dessa forma, para se produzir um artigo que visa dialogar com o dualismo, se faz necessário compreender as raízes e fundamentos que nutrem e consolidam ambas as posições. Conceitos, termos, palavras-chaves, dentre outros, foram buscados a fim de fornecer artigos teses e dissertações para substanciar a leitura daqueles que desejam compreender e ver alternativas nesse processo dual.

2 Metodologia

O objetivo dessa pesquisa explicativa é abordar religião e história como indissociáveis em um processo paulatino construtivo. No seu acompanhamento, foi observado o fenômeno como ele “se manifesta nas atividades, nos procedimentos e interações com outros elementos” (Martins; Theóphilo, 2007, p. 137). Dentro de um espectro em que idealismo e materialismo, como integrantes destas, subsidiam intrinsecamente a experiência humana. A coletânea de dados se deu com intuito de sustentar o artigo num sentido progressivo a partir da mitologia grega primitiva culminando no momento atual com sincretismos diversos.

Köche (2006, p. 112) diz que “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa”. Autores com cunho conservador e progressivo contribuirão no subsídio argumentativo com vistas a manter o escrito filho deste tempo, em sintonia com as tendências desse tempo. Conforme Gonsalves (2005, p. 63): “pesquisadores, de posse de elementos próprios do campo da investigação, têm o poder de criar o seu próprio caminho e, ao narrarem seus percursos, poderão evidenciar o método como aquilo que se construiu ao caminhar”.

Por fim, a pesquisa bibliográfica qualitativa fornece pontos de vistas diversos sobre a natureza do processo histórico. Sendo o método um caminho do pensamento, procurou-se com criatividade extrair, das teorias, os cernes da argumentação progressiva nas suas relações com os contextos.

3 A gênese da discussão

Cientificamente não é possível retroceder na origem da explosão do ovo cósmico³, no acontecimento denominado Big Bang⁴. A partir desta tese, a organização do universo gradualmente acontece e a terra como parte do sistema solar se arranja e organiza seu tempo através do movimento de rotação em torno do sol. Entre os religiosos cristãos, há teólogos que concordam com essa teoria. Eles interpretam os seis dias do criacionismo bíblico como seis longos períodos de tempo que podem ser bilhões de anos cada.

É inviável retornar e cientificamente comprovar detalhadamente a composição primária e o que desencadeou essa explosão. Por isso, o ponto de origem desse estudo começa no ‘fundamento’, na apreensão de um mundo total pelo homem primitivo. Um homem denominado infantil⁵ que se via num mundo comum ao dos deuses.

Antes do prosseguimento são oportunos esses questionamentos: A lei da física diz que um corpo em repouso tende a permanecer em repouso, caso a origem de tudo esteve no Big Bang, como esse planeta cósmico explodiu? Foi uma força externa ou uma força interna? Ou a existência é o próprio ovo cósmico em eterno movimento? Talvez o referido acontecido esteja fora das leis da física. As respostas possíveis a essas perguntas permeiam o debate entre ciência e religião e a continuidade desse escrito. A divisão dual entre matéria e espírito começa a partir daqui.

4 O dualismo e a consolidação idealista

O homem primitivo não tinha uma concepção de tempo espaço cronológico linear. Ele vivia uma concepção cíclica de tempo que apresenta uma contrariedade: a sempre necessidade do reinício das coisas e não o seu fim. Nessa concepção do eterno retorno, a relação entre de tempo e história é complexa, visto que não há um caráter teleológico impregnado sobre eles. Segundo Vieira (2014, p. 2) “a relação do homem e seu lugar no espaço se davam por meio de ritos, enquanto o homem moderno se vê vinculado à história- ou momento histórico”.

Nessa realidade interpretada como única, a ausência de ciência fazia com que a intuição e imaginação eram os instrumentos utilizados para a compreensão da realidade. Guido e Sahd (2006, p. 46) parafraseando Vico diz que “a mente primitiva é muito simples, muito rude e muito obscura”. Toda farta e criativa mitologia é reflexo dessa capacidade mental em produzir uma história produzida pelos deuses e para os deuses. Essa mente primitiva foi anulada pelo

³ Ou super átomo, sujeito a própria atração gravitacional, contraído e comprimido, com a altíssima temperatura explodiu.

⁴ Uma das teorias mais aceitas da atualidade. Consiste que o universo começou num ponto, um aglomerado de partículas quentes misturadas com luz, acerca de 15 bilhões de anos.

⁵ Um homem desprovido da racionalidade adulta. Incapaz de distinguir a realidade e separar dela a fantasia. É o homem do contexto em que o mítico como uma das etapas do desenvolvimento da humanidade predomina.

ditame cartesiano, pelo contínuo grau de civilidade que age no mundo abstrato de ideias e não mais na concretude imagética.

Ainda é possível se observar que, nessa relação do homem com a totalidade, fez surgir uma religião natural primitiva denominada de *animismo*. Edward Taylor (1832-1917) introduziu esse termo pela primeira vez na antropologia através da sua obra *Primitive Culture*, afirmando que essa religião embrionária atribui “alma” a todos os habitantes do cosmos, em uma religião que precederia o politeísmo e monoteísmo.

Essa alma cósmica dispersa presente em homens animais e plantas tem diferentes níveis de manifestação de consciência. Portanto, a partir dessa lógica se chega ao conceito panteísta, à crença amplamente difundida na cultura helenística de que tudo é Deus e Deus é tudo. Ela faz sentido em razão de matéria e espírito estarem associados em uma compreensão de realidade una, desfrutada entre homens e deuses.

A filosofia platônica, surgida depois desse estágio mítico intuitivo, cerca de 350 anos de Cristo, não deixa de ser uma busca pela separação desta realidade totalizante, através da especulação racional. Em um caminho entre a intuição e a razão, ela o faz de modo radical, colocando a primazia nessa alma universal, em detrimento da matéria. Sobre essa dualidade expressa em Platão⁶, Chagas (2009) mostra:

Platão concebe o mundo como sendo dual, ou seja, como uma realidade dupla, na qual este nosso mundo percebido pelos nossos sentidos seria apenas uma cópia imperfeita de um mundo autêntico que conservaria o seu caráter de maneira imutável e, por conseguinte, de forma eterna (Chagas, 2009, p. 2).

É importante se compreender a raiz da dualidade e as consequências advindas delas. Verifica-se que essa necessidade de separar o mundo dos homens e deuses, por fim, contribui para a separação do homem para consigo mesmo, na sua inteireza. Nos filósofos posteriores a Platão, é importante observar duas tendências surgidas partir dessa dualidade posta que influenciaram a história e a religião.

No percurso da história medieval, na sua transição para o capitalismo, o estoicismo e o epicurismo foram dois modos de vida praticados. Pode-se afirmar que o estoicismo influenciou decisivamente na moral cristã e predominou o medievo até sofrer um duro golpe com o ressurgimento do materialismo histórico de Karl Marx⁷. Vejamos como ele se caracteriza:

⁶ (428-347 a.C.) Aos 40 anos fundou sua academia nos arredores de Atenas. Desenvolveu o sistema de pensamento dialético, encadeamento de pensamentos precisos, sem refutação.

⁷ (1818-1883) Nasceu em uma família judia convertida ao protestantismo. Defendeu seu doutorado com uma tese sobre a filosofia da natureza de Demócrito de Epicuro. Uniu-se, nesse período, aos hegelianos de esquerda, grupo que questionou a primazia da mente sobre a matéria, a partir de Hegel.

Estoicismo⁸ é a doutrina que aconselha a indiferença e o desprezo pelos males físicos e morais, bem assim a insensibilidade perante as paixões. Para os estoicos, o mais importante é o encontro da tranquilidade espiritual. O primeiro imperativo ético é viver de acordo com a natureza, isto é, conforme a razão, pois o natural é racional. A felicidade consiste na aceitação do destino e no combate contra as forças da paixão, que produzem intranquilidade. Resignando-se ao destino, o homem resigna-se também à justiça, pois o mundo, sendo racional, é também justo.

Em contrapartida, o epicurismo⁹:

Doutrina de Epicuro e de seus seguidores segundo a qual, na moral o bem é o prazer, isto é, a satisfação de nossos desejos e impulsos de forma moderada, levando assim à tranquilidade. Por extensão, e de forma imprópria, este termo passou a aplicar-se a todo aquele que faz do prazer ou do gozo o objetivo da vida, o assim denominado "epicurista". Segundo Epicuro, o prazer é o começo e o fim da vida feliz e constitui o Bem supremo, cujo modelo perfeito nos é fornecido pela vida de delícias levada pelos deuses. Mas trata-se de um prazer obtido apenas no término de um discernimento refletido.

É necessário se compreender a raiz desta dualidade que atravessa a história, dividindo a constituição humana, demonizada nos opostos. Enquanto para Zenon e seus discípulos o mundo concreto era imperfeito e reflexo do ideal presente na mente eterna, conforme citado anteriormente por Chagas (2009), o mundo de Epicuro foi influenciado por Demócrito. Pois ele:

¹⁰Utilizou-se da teoria de Demócrito para justificar a constituição de tudo o que há. Das estrelas a alma, tudo é formado por átomos, sendo, porém de diferentes naturezas. Dizia que os átomos são de qualidades finitas, de quantidades infinitas e sujeitos a infinitas combinações. A morte física seria o fim do corpo (e do indivíduo), que era entendido como somatório de carne e alma, pela desintegração completa dos átomos que o constituem.

Enfim, há um contraste em um mesmo panteísmo, apenas dividido pelas ênfases nas polaridades. No estoicismo, há a eternidade da mente que subjuga a matéria, colocando o espírito em um patamar distinto e superior. No epicurismo espírito e matéria são indissociáveis sendo o indivíduo uma composição da soma dos átomos indestrutíveis eternos. Isso resulta no idealismo e no materialismo. Em um, o espírito eterno determina a história, no outro, a matéria se torna histórica e processual pelo fato de também ser eterna e em movimento. Novak (1999) resume a essência desse duplo panteísmo eterno que retira a individualidade, ela emerge na totalidade:

⁸ **Estoicismo.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/estoicismo>. Acesso: 03/12/22

⁹ **Epicurismo.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/epicurismo>. Acesso: 03/12/22

¹⁰ **Demócrito.** Disponível em <https://sites.google.com/site/estudoshegel/filosofos/epicuro>. Acesso: 03/12/22.

Se o estoico tem como imortal sua alma, enquanto emanção da alma do mundo e, por conseguinte, parcela do logos divino, se, para ele, a mesma ordem da natureza voltará a realizar-se necessariamente, a alma para o epicurista é mortal e a mesma ordem da natureza pode voltar a verificar-se mas não voltará necessariamente (Novak, 1999, p. 4).

Os dois determinismos, espiritual e material, emergem dessa influência, produzindo o conservadorismo e progressismo, respectivamente. Buscar um cerne polarizado para a explicação da vida que gera a necessária dialética é fruto desse extremo, que toma como referência um dos polos. Em última análise no extremo das suas ênfases, elas não deixam ter caráter místico¹¹, pois são totalizantes, com caminhos diferentes. O materialismo histórico atualizado por Marx é uma alteração na dialética, a substituição do predomínio do espírito, pela matéria, com implicações nessa inversão, a partir do contexto de 1800. Contexto marcado pelas críticas a intensa revolução industrial, que junto com o urbanismo, trouxeram inúmeros problemas sociais. Analisamos, então, a religião como a busca pelo todo, envolvida por questões que compõem essa tensão dual histórica.

5 As diferentes formas pela busca do fundamento

A essência religiosa é o de se ligar, de retornar ao fundamento separado pela polaridade. Trata-se de uma busca inerentemente humana. Bonfim (2006) diz que o ser humano é um ser que faz história por que faz a si próprio e apenas “um ser que faz si, que define seu conteúdo de espécie é um ser histórico” (Bonfim, 2006, p. 115). Portanto, “o ato de fazer-se é um ato múltiplo, é o ato de se externalizar na natureza”. Assim, religião é um conteúdo desse homem histórico, sua busca pela totalidade na necessidade de ser. Hughes (2019) fala dessa característica presente em todas as religiões:

Tanto na história humana quanto como indivíduos, nós experimentamos a realidade como uma totalidade, como uma completude na qual estamos imersos, e da qual cada parte vibra com o potencial de levar-nos ao contato com o absoluto. É a experiência de viver um cosmos: uma totalidade ordenada de significado. Com relação a essa experiência, o tamanho do universo físico e o tempo de sua existência são irrelevantes (Hughes, 2019, p. 188).

Essa angústia humana evidenciada pelas religiões se mostra de diferentes formas e estágios. Cerri (2020) diz que o mito tem o poder “legitimar a ordem” através da “legitimação da origem” e este é a sua mais antiga forma (Cerri, 2020, p. 86). Portanto, a ordem individual é

¹¹ Ao se fazer uso dele aqui, se empresta o propósito da sua essência, a união num todo, sem uma divindade ou força específica.

o ponto de partida e no homem ela começa no desvincular gradativo da mãe. Na fase infantil se evidencia como temores, assombros e a experiência gradativa que culmina na maturidade.

Acerca desse dilema, Almeida (2020) citando Torrano: “A função do mito não é de explicar, mas de acomodar e tranquilizar o homem diante de um mundo que para eles parecia tudo sobrenatural e muito assustador”. (Almeida, 2020, p. 4) Esse papel é exercido pela criança que vê nos pais essa segurança. A considerada fase infantil¹² da humanidade, segundo Comte¹³, era a de um homem com uma mente “simples rude e obscura”, porém dessa mente primitiva não delimitada pelo ditame cartesiano, surgiram as mais sublimes poesias. Esse anseio individual, gradualmente coletivizado, socializa essa necessidade religiosa para o estado.

Sobre a generalidade do estado, Cerri (2020) diz que ele a síntese de se estar em um povo e em uma época em que aqueles fazem parte dele “são dotados da sua condição imortal que se estende aos indivíduos” Cerri (2020, p. 86). Este culto ao Estado certamente foi o patrocinador das maiores atrocidades humanas, entre as quais os genocídios e holocaustos vistos nas doutrinas nazifascistas e nas guerras mundiais. Ele capta esse anseio inerente do indivíduo produzindo o culto ao estado como protetor e provedor, associando a necessidade íntima da perpetuidade.

Mathiez (2021, p. 31) diz que “a religião civil em Rousseau sempre existiu, é tão antiga quanto o próprio homem”, e que ele “é matéria e instrumento de felicidade, o bem comum”. Essa religião civil é observada desde o surgimento das primeiras cidades estados teocráticas, na Grécia e Egito, onde a vida social não era separada da vida religiosa. No medievo cristão, verifica-se uma disputa entre o poder espiritual e temporal, entre papas e imperadores, mesmo que não há uma fusão. Esses dois poderes são inseparáveis nessa história teocrática, desembocando na revolução francesa, que finalmente fará a separação desses poderes. Trata-se do surgimento do Estado Laico, debatido e idealizado pelos iluministas.

Com a intensificação da globalização com a aparição do sujeito global, o nacionalismo como um novo culto ao coletivo, cede lugar, desestabilizando as individualidades e a autonomia dos estados. Como tudo que ‘é sólido se desmancha no ar’: “as pontes coletivas erigidas entre a transitoriedade e eternidade se degradaram e o indivíduo foi deixado cara a cara com a própria insegurança existencial, pura e intacta” (Ulbra, 2007, p. 96). Portanto, há uma tendência contínua de degradação de instituições que outrora canalizavam essa necessidade humana,

¹² Fictício ou teológico, os fenômenos são interpretados como ação de agentes sobrenaturais.

¹³ (1798-1857- França) considerado um dos fundadores da sociologia. Filósofo que formulou a doutrina do positivismo. No seu método, o conhecimento só pode ser considerado verdadeiro por meio da experimentação e aferimento científico.

expressa como religião e deixando esse indivíduo autônomo e livre para depositar esse anseio inerente em múltiplas possibilidades.

6 Relação de poder que permeia religião e a ciência

Há um poder que permeia o desenvolvimento da sociedade, envolvendo ciência e religião. A ciência gera um poder que legitima. Foucault diz haver na sociedade um biopoder, disperso e sustentado pela ciência que lhe confere autoridade (Pluckrose, 2022, p. 61). Em função disso, aqueles que detêm o conhecimento detêm o poder. O materialismo, ao assumir uma posição científica, assim, não deixa de ser um poder que se legitima. O próprio marxismo acaba assumindo um papel religioso. Brechani (2021) acerca desse anseio humano no marxismo diz:

O marxismo possui, assim, uma dimensão salvífica, no sentido de que o percurso de o seu trilhar ideológico seria o único caminho possível para o homem galgar uma condição perfeita de existência humana e social. Nesse ambiente redentor, Marx foi o escolhido para trazer a cosmovisão comunista a humanidade e a verdade salvífica aos homens. Na qualidade de profeta, foi entronizado no solo divino e adorado como herói portador da verdade absoluta (Brechani, 2021, p. 278).

Marx, na sua busca totalizante mística apaixonada, diz:

Não apenas o material de minha atividade está dado para mim- até mesmo a língua, na qual o ser pensante está em atividade- como um produto social, meu próprio Ser-Estar é atividade social, daí porque, aquilo que eu faço de mim, eu faço para a sociedade e com a consciência de mim como de uma essência social (Marx, 2004, p. 107 *apud* Guido; Sahn, 2004, p. 121).

A religião se torna o ‘ópio do povo’ e a ‘alma de um mundo sem alma’ em virtude de ser um sentimento subjetivo descaracterizado de uma comprovação científica nas suas alegações, entendido como instrumento de manipulação por aqueles que detêm o poder. No entanto, o próprio marxismo se torna um objeto de culto com poder um inerente para o qual converge devoção. Desse modo, a tensão entre ciência se dá em um campo onde a objetividade concreta da ciência concorre com a subjetividade espiritual do cristianismo. Alves (2010) explica de forma precisa o materialismo histórico:

Materialismo é toda concepção filosófica que aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência (Alves, 2010, p. 1).

Na origem hipotética do Big Bang como citado no início, toda materialidade estava presente como *ato e potência*¹⁴. A consciência desse modo é determinada pela vida, não sendo ela quem determina a vida. No oposto disso, a consciência seria a força externa que ativaria o processo histórico iniciado dali, no Big Bang. Na busca pela totalidade, conforme Hughes descreveu, há dois processos, um que mantém a consciência eterna, em torno da qual gravita a história ou, no outro que faz a consciência ser processual e inerente a matéria. O progressismo ou positivismo seria a inevitabilidade desse processo com caráter determinista. O poder onipresente e disperso de Foucault é intrínseco à sociedade que determina sua evolução.

A copa do mundo realizada no Catar em 2022, país onde o profundo fundamentalismo permanece, teve um acentuado debate em torno do tema gênero, dividindo opiniões. Sobre uma tendência moderna, denominada *Teoria Queer*¹⁵, Judith Lorber, professora emérita de sociologia e estudo de gênero nos EUA, a resumiu em quatro pontos, na mudança de paradigma:

1. Tornar o gênero- não o sexo biológico-central; 2. Tratar gênero e sexualidade como construções sociais; 3. Estudar o poder nessas construções-poder no sentido foucaultiano de uma rede de permeação; 4. Concentra-se no próprio ponto de vista- isso é, na própria identidade (Pluckrose, 2021, p. 143).

Portanto, a tensão reside em torno dessa radicalidade, a consciência espiritual eterna *versus* consciência processual material. Encontrar o ponto de equilíbrio, uma junção conciliatória entre a permanência e a transitoriedade do ser é o ápice do conhecimento. Agora a explicação será sobre a relação entre religião é dinheiro e suas consequências.

7 O dinheiro, o poder e o indivíduo

A religião não deixa de fazer parte das relações em que o poder se expressa na sociedade. Ele separa e diferencia indivíduos pelo poder abstrato introduzidos nas relações sociais. O dinheiro se tornou a ‘encarnação individual do trabalho social’. Como tecnologia humana que entrou no estágio histórico há mais de 2.000 anos ele ocupa em relação ao indivíduo, um papel e objeto de fetiche¹⁶. Semelhante a uma entidade divina no sentido de fazer convergir devoção, ele produz o movimento em torno de si. Pode-se concluir que, se todos os homens são naturais,

¹⁴ Ato é a forma assumida em determinado momento. Potência, a possibilidade de vir a se transformar. Ex: um grão de milho já tem em si, como ato, a potência de ser planta e produzir outras espigas. A moralidade humana existe porque esteve no início, no Big Bang quando tudo era informe.

¹⁵ Seus teóricos acreditam que sexo, gênero e sexualidade são construções sociais. Os papéis sociais não determinados pelo fator biológico.

¹⁶ É um termo usado por Karl Marx que sintetiza a capacidade da mercadoria atrair sobre si um desejo sedutor.

então, o dinheiro se interpõe na construção solidária da sociedade, nesse religar ao fundamento. Alguém disse: ‘o dinheiro é um ótimo empregado, porém, um péssimo patrão’.

A incapacidade humana é o de não governar o dinheiro e sim, ser governado por ele nas intrusões e influências por ele determinadas. Ele é um concorrente que venceu, se colocando em primeiro lugar no pódio da reverência. Marx satirizando esse papel metafísico e divino do dinheiro, adjetiva ele de ‘santíssimo’ e de ‘santo dos santos’. Como tecnologia abstrata é um artefato posto entre os homens, entre a natureza interna e externa, ocupando posto central para o qual convergem aspirações.

O paradoxo reside em que a Bíblia que condena o amor ao dinheiro por ele ser a “raiz de todos os males”, é utilizada para criar mentalidades propícias a ele como objeto de fetiche. Segundo Araújo e Santos Neto (2021, p. 3) “a relação da mercadoria consigo mesma e com a outra aparenta uma relação entre pessoas, e a relação entre pessoas acaba se constituindo como uma relação entre coisas”. A expressão de uma espiritualidade mercantilizada introduz um objeto de culto que desumaniza as relações naturais inerentes.

A coisificação passa por uma condição submetida à vontade do indivíduo, não é imposta como acontecia na escravidão. O fetichismo da mercadoria ou da subjetividade encontra no desejo a grande arma contra a noção de escravidão ou servidão, pois a entrega é voluntária (Lewin, 2017, p. 44).

Na relação entre religião, dinheiro e sexualidade, é necessária a discussão sobre a coisificação humana. Essa coisificação é a transformação a completude humana das suas relações e anseios, em mercadorias.

8 Os heróis modernos

Sobre heróis, Campbell (1949) diz que eles são fundadores de “uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida” (Campbell, 1949, p. 17). Eles são os deuses imperfeitos entre os humanos que tem a capacidade de atrair através de uma mística. São deuses criados pela realidade, a brasileira de fome violência desemprego e tantas outras mazelas sociais, têm o dinheiro como objeto de fetiche interposto nas ações.

As igrejas pentecostais souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, os contextos socioeconômicos, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil. Nesse sentido, cabe destacar, em especial, a agudização das crises social e econômica, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão dos meios de comunicação de massa (Mariano, 2004, p. 122).

Um assunto trazido à tona especialmente em épocas eleitoreiras é sobre a taxação ou não das igrejas. Em meio ao cenário espiritual brasileiro, é certo que grande parte das igrejas exerce com cuidado sua função laica não lucrativa, praticando as boas obras em pró dos menos favorecidos. No entanto, grandes “conglomerados espirituais”, detentores de canais de televisão, editoras e outras empresas se utilizam deste subterfúgio da lei. Eles são questionados por não pagarem impostos, em função de suas atividades serem caracterizadas como mercantis.

Enfim, quando se vê a espiritualidade institucionalizada com vistas ao poder, introduzida no corpo do estado, retirando sua caracterização laica, por meio de influências políticas que tais líderes passam a representar, o cerne da religiosidade autêntica se dissipa. A essência da genuína religiosidade não é o poder sobreposto, senão um poder que age em meio às relações com vistas a promover a busca de si no outro no fundamento. Isso é evidente nas figuras de Buda, Gandhi, Jesus, dentre outros, cujas vidas eram desvinculadas ao propósito de poder sobreposto.

9 Verdade e a fake news entre a tensão do fato social e do fato religioso

Pluckrose (2021, p. 21) sintetizando Foucault diz: “Para ele, se uma alegação de verdade é realmente verdadeira ou não é menos interessante e importante do que a dinâmica de poder que leva as pessoas a acreditarem que ela é verdadeira”. Em alguns de seus pronunciamentos, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro fez uso do versículo bíblico de João 8:32 que diz: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Há uma estrutura que produz o *fato social*¹⁷, assim chamado por Émile Durkeim¹⁸, uma imposição que a sociedade coloca sobre cada indivíduo, moldando e influenciado para um agir coletivo: “Nesse sentido, existem as pressões coletivas que moldam a maneira como as sociedades se configuram no seu substrato social, a exemplo, determinam como as habitações de uma sociedade devem ser construídas” (Galante, 2021, p. 8).

Consequentemente, o fato social pode desempenhar um papel determinante na interpretação da relação entre verdade e mentira. Isso ocorre porque tanto a verdade quanto a mentira precisam se adequar ao consenso da maioria e, assim, são relativizadas por meio da instrumentalização utilizada por grupos que buscam o poder. Em uma sociedade evoluída e esclarecida, a verdade e a mentira ainda são relativas de acordo com as exigências dos

¹⁷ Ele tem três características: 1. *Coercitividade*, ele obriga indivíduos a se adaptar as regras da sociedade. 2. *Exterioridade*, as estruturas com leis, padrões econômicos, políticos e culturais já estão colocados, cabendo ao indivíduo se sujeitar. 3. *Generalidade*, o fato se repete em todos os indivíduos ou na maioria deles.

¹⁸ (1858-1917-França) É considerado o “pai da sociologia”. Para ele os fatos sociais são científicos e devem ser tratados como coisas.

contextos, sejam eles reais ou artificiais. As *fake news* atuam na subjetividade desses limites. A partir do momento em que se idealiza o eterno, aplicando adjetivos externamente, sua referência será sempre a mesma, independentemente do contexto com seus fatos sociais.

A tensão cristã em meio aos temas progressistas atuais reside no fato de continuar se mantendo ao determinismo eterno (Conservadorismo, Fundamento espiritual), ou se sujeitar ao determinismo social. Discernir a verdade, sob a perspectiva daquilo que desejam fazer ser verdade ou a mentira, requer desta sociedade um senso crítico mais racional e menos radical emotivamente. O determinismo social (Progressismo) com suas novas demandas, tem entrado em choque com os valores dogmáticos. Para que o historiador e os sujeitos dela se mantenham em harmonia nesse cenário de tensão, prevalecendo o espírito democrático e tolerância, requer-se que o malabarismo do homem maduro prevaleça sobre esse estado de coisas, imposto e construído pelas liberdades individuais e coletivamente condicionadas.

10 Desconstruindo a insistência dos mitos a partir de Georges Duby

O crescimento saudável implica em reconhecer e respeitar fases como necessárias para a solidificação do indivíduo e da história madura da qual se faz parte. Nesse sentido, o aspecto mítico infantil fantasioso é substituído para compreensão de indivíduo maduro sóbrio, com uma espiritualidade inerente, porém praticada de forma racional, inclusiva e tolerante. Sobre a característica dessa história infantil ainda presente, Duby (2021, p. 190) diz: “Para se tornar deus não seria necessário ir muito alto: os deuses estão logo acima dos homens, tanto que em latim e grego, muitas vezes nos interessa traduzir ‘sobre humano’ o termo que significa divino”.

Nessa característica mítica grega, os homens buscavam seus deuses entre os homens, em uma atitude partidária cega incapaz distinguir a realidade da fantasia. De modo geral, neles são depositadas as expectativas que esperam de si mesmos. Os mitos são como espelhos da própria imagem projetada. Duby (2021, p. 196) continua: “Os deuses também gostam que os homens lhe sejam devotos. Por que tem interesse em receber oferendas? Não, mas porque a devoção é uma virtude e eles, como os homens, amam virtudes”.

Assim, a projeção das suas virtudes humanas nos mitos faz surgir uma retroalimentação, uma psicologia que os alimenta. Na última eleição presidencial brasileira de 2022, embora um dos candidatos fosse adjetivado como “mito”, os dois foram tratados como heróis, salvadores daqueles que imponentes ou reféns de uma realidade, precisavam de um salvador. A prática do culto à personalidade, dividindo o palco eleitoral entre dois deuses, marcou essa eleição carregada com toda sorte de sentimentos.

Nas principais redes sociais, Facebook, Instagram, Twitter, principalmente, um post mostrava isso de forma escancarada: “Cada um vota no seu candidato conforme o seu caráter”. Nesse contexto, DUBY (2021, p. 192) arremata a questão da desconstrução dos mitos: “A verdadeira devoção consiste em imaginar os deuses benfazejos e justos, providenciais: super-homens de bem. ‘Nem todos os homens se elevam a esse nível, pois cada qual se comporta com os deuses segundo seu próprio caráter’”.

A desconstrução dos mitos é necessária devido à tendência moderna, mesmo quando esclarecida, de continuar construindo narrativas em torno de personagens imperfeitos e corruptos. Isso atrai o culto da população, que muitas vezes é incapaz de refletir sobre os interesses por trás da criação de tais figuras políticas. Compreender o próprio sentimento, independentemente de seu caráter religioso, é uma forma saudável de autoconhecimento, gerando ações e reações positivas para indivíduos que buscam se considerar evoluídos.

11 Em busca de uma história holística e sistêmica entre dualismos

Os termos “holístico” e “sistêmico” são definições encontradas em diversas áreas. Formar uma imagem única da realidade por meio da ‘divisão do todo em partes’ é uma abordagem que se beneficia mutuamente em diversos campos de estudo. Falando sobre esterilidade da abordagem cartesiana, TAVARES (1994, p. 62) afirma a necessidade de “se contrapor a visão dualística, fragmentadora e mecânica que despojou o ser humano da sua unidade”.

A história invariavelmente carrega um aspecto religioso na medida em que combina eventos para criar heróis e vilões, às vezes de forma mais objetiva e outras vezes subjetiva. JENKINS (2020, p. 60), falando dos fatos da história, diz: “O que está em pauta nunca são os fatos por si, mas o peso, a combinação e a importância que eles trazem com referência uns aos outros na elaboração de explicações”. Desse modo, o sentimento e a razão determinarão a profundidade ou superficialidade.

A metodologia sofre influências e, como resultado, pode oferecer respostas diversas. Essa combinação e importância são relativas àqueles que fazem desses eventos objetos da sua experiência, a qual é subjetiva na busca da totalidade. A história, com seu aspecto religioso (que envolve razão, sentimento e propósito), procura a experiência e incorpora duas características emprestadas da religião convencional: a *transcendência* que significa “o que é e vai além”, que está além do mundo espaço temporal; e *imanência*, quem tem em si mesma, intrinsecamente,

um sentido. Como arquivo da realidade ela é apenas buscada pelos homens e não pelos animais, pois, nos primeiros a “vontade vai além”.

A história e a religião têm algo em comum que distingue homens e animais. Para as experiências humanas, parece que “todo querer é entendido em reação a um sentido de vida”, a um propósito. Abaixo, estão particularidades que se amalgamam em um todo:

HISTÓRIA SISTÊMICA	HISTÓRIA HOLÍSTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Racional, comparada, analítica. • Se atenta para temas e tempos, continuidades, descontinuidades. • Divide, relativiza, mede, quantifica e qualifica. • Cíclica, linear, Progressiva, Positiva. • Espiritual, Material. • Grandes homens, grandes eventos, moralismo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Intuitiva, emotiva e sensível. • Parte da percepção e amplia-se pela intuição. • Simultânea, absoluta, imediata, “aqui e agora”. • Aberta ao todo, sem restrições. • Integra, pulsa, universal. • Encanta, surpreende, assombra e apavora. • Pessoas comuns, cotidiano.

Nessa experiência humana que busca a individualidade na totalidade e vice-versa, a história age como um depósito de onde retiramos e lançamos experiências que buscam justificar a existência, tanto individual quanto coletiva, por meio das interpretações que ela proporciona, através da combinação de elementos. Compreender a integralidade do indivíduo é fundamental para que a construção social seja compreendida e praticada sem o anacronismo excludente radical e punitivo que às vezes acompanha essa peculiaridade humana.

A interação entre o sentimento subjetivo e a razão metódica objetiva, em uma tensão dialógica, nunca deixa de buscar um "êxtase místico" sensitivo. Essa interação sintetiza as concretudes individuais e coletivas de realização e pertencimento. A filosofia materialista, que reduz homens e animais a uma concepção puramente materialista, apresenta um paradoxo: por que, ao contrário dos seres humanos, os animais não têm uma necessidade religiosa e histórica? Hughes (2019), ao compreender a experiência humana que reside e se expressa entre o material e o imaterial, afirma que:

Então nos esforçamos para aprofundar nossa conexão com aquele ser permanente, aquela atualidade necessária, que deparamos como o “fundamento” da realidade englobante da qual surgimos. A busca pelo divino é a busca por esse permanente fundamento do significado com o qual estamos sempre preocupados devido a nossa noção independente de ser vaga, sofisticada ou reprimida, de nossa participação nele (Hughes, 2019, p. 191).

A realização individual se constitui nesse equilíbrio passível de ser encontrada na história como fonte de diferentes recursos para a busca dessa construção. Sendo assim, temas políticos, econômicos, sociais, étnicos, psicológicos dentre outros, com mais intensidade a partir da escola de Anales, são investigados para uma história mais inclusiva, mais real e mais viva. Uma história mais prática, fazendo assim com que a tradição deixe de ser “o passado morto entre os que vivem”, para se tornar o passado vivo entre aqueles que vivem. A história como religião mestra da vida, na sua continuidade, mantém o homem vivo na sua fluidez, sem delimitá-lo a rigidez frente à realidade que cerca, desejando uma viva participação. Proporcional à capacidade de absorver essa realidade.

12 Uma história Gaia

A *História Gaia* é uma história viva que, embora seja compreendida e experimentada em diferentes níveis, seguindo as lógicas de curta, média e longa duração, possui a capacidade de convergir realidades de acordo com a capacidade individual de assimilação. Nessa história, a razão e o sentimento se entrelaçam na busca desse fundamento, conforme descrito por Hughes (2019).

[...] não é algo dado, mas construído pelas diversas naturezas que determinam aquilo que a natureza possa vir a ser ou aquilo que ela é. Sempre que falamos de natureza, estamos falando de uma noção que é sócio construída e não algo dado. Os agentes não-humanos também produzem a necessidade de os humanos descreverem os seus ‘comportamentos’, ‘atividades’, ‘propriedades’, porque o humano está sendo convocado pelos não-humanos a definir isso que depois ele vai naturalizar como ‘natureza (Petronio, 2021).

Temas que antes eram considerados irrelevantes, ultrapassados ou mortos podem ser trazidos à tona por uma memória sempre atualizada, cuja essência é questionar a ação humana destrutiva causada pelo progresso, seja em relação aos recursos naturais ou à intolerância gerada pelos resquícios de uma religiosidade infantil. Discutir as interligações, como a história dos índios, dos negros e das mulheres, juntamente com as novas demandas, como as questões LGBT, os variados movimentos, novos papéis e instituições sociais, é uma busca por uma história cujas raízes estão na justiça, solidariedade, tolerância e empatia.

Sztutman (2021) afirma que “Gaia é um conceito propriamente animista que irrompe no seio das ciências modernas”, representando um animismo contemporâneo com uma abordagem atualizada, deixando de ser um mero simbolismo primitivo religioso e tornando-se uma ontologia moderna, uma nova maneira de interpretar e praticar o que nos envolve. Nesse

percurso, o ser humano, com sua angústia, vive a tensão conciliatória na busca pelo eterno e pelo seu tempo individual.

[...] Assim, o tempo é a sucessão infinita; a vida que está no tempo e é apenas do tempo não tem nenhum presente. É bem verdade que, às vezes, para determinar a vida sensual, costuma-se dizer que ela está no instante e só pode estar no instante. Compreende-se por instante a abstração do eterno que, se é para ser o presente, é sua paródia. O presente é eterno, ou melhor; o eterno é presente, e o presente é o pleno... O instante é aquela ambiguidade na qual o tempo e a eternidade se tocam, e, por isso o conceito da temporalidade se estabelece, onde o tempo constantemente intersecta e a eternidade constantemente penetra o tempo. Só agora a divisão em questão assume o seu significado: o tempo presente, o tempo passado, o tempo futuro (Kierkegaard, 2021, p. 99).

Ao não se configurar como história oficial institucional, ela se transforma na “história vista de baixo”, adentrando na realidade da vida daqueles que são a razão de ser das instituições. Ela não pode ser oficial, pois deixa de ser estática em uma única versão. Em vez disso, torna-se uma prática que se adapta à individualidade de cada pessoa, com influência e importância proporcionais. Indissociável da religião, essa história representa um constante “religar”, por meio da busca e realização de propósito, em um sentido de pertencimento que transcende o tempo convencional e padronizado, que muitas vezes é moldado pela sociedade.

13 Considerações finais

Ao abordar o tema desde sua origem até o presente momento, procurou-se apresentá-lo como uma essência humana inerente. A religiosidade, seja infantil ou amadurecida, é algo presente como expressão da necessidade que envolve esse dilema. Respeitar a democracia e a tolerância onde as pessoas optam em descarregar esse sentimento é fundamental para reconhecer a impotência ou capacidade de mobilização ao que nos rodeia, seja como imposição ou escolha. Esse sentimento nem sempre fica restrito a um termo: religião ou história. Ele é expresso e permanece como arquivo onde se deseja estar.

O cristianismo como realidade que permeia a vida do ocidente, sofre essas influências. No entanto, diferente do panteísmo espiritualista ou materialista, ele apresenta uma proposta de continuidade de uma personalidade na pós-morte. Com a promessa de uma nova junção corpórea entre matéria e espírito, da personalidade inédita, em um futuro desconhecido. Assim, a religião e a história compartilham semelhanças, sendo memórias vivas que transcendem o tempo e lugar, satisfazendo o anseio por um ‘aqui e agora’ sempre presente, desencadeando a mística da experiência para aquele que assim desejar fazer parte dessa totalidade ou manter essa personalidade distinta, em um tempo que não para.

Referências

- ALMEIDA, Flávio. **A importância da compreensão do mito para a filosofia**. 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210905992.pdf>. Acesso em 28 nov. 2022.
- ALVES, A. **O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. 2010. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- ARAÚJO, L. M. F.; SANTOS NETO, A. B. O Fetichismo da Forma Equivalente e da Forma Dinheiro no Capítulo Primeiro de “O Capital” de Karl Marx. **Eleutheria - Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, Campo Grande, v. 6, n. 11, p. 46-66, 14 set. 2021.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1949.
- CERRI, L. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2020.
- CHAGAS, José. **O dualismo platônico frente à ontologia dos psicólogos**. Revista Homem, Espaço e Tempo. Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/download/65/52/> Acesso em: 30 nov. 2022.
- DUBY, G. **História da vida privada, do império romano ao ano mil**. São Paulo: Schwarcz, 2021.
- GALANTE, Livia. **Sociologia de Durkheim e o fato social: reflexões teóricas**. São Paulo, 2021. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20211116091947.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, Ed. Campinas: Alínea, 2005.
- GUIDO H.; SAHD L. **Tempo e história no pensamento ocidental**. Ijuí, Ed. Unijui, 2006.
- HUGHES, G. **Transcendência e história**. Curitiba: Danúbio, 2019.
- JENKINS, K. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2017.
- KIERKEGAARD, S. **Conceito da angústia**. Londrina: Penkal, 2021.
- KÖCHE, J.C. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. Rio de Janeiro, Ed. Petrópolis: 2006.
- LEWIN, A. **Dignidade da pessoa humana, coisificação na modernidade líquida e acesso à justiça**. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20877/2/Augusto%20Miranda%20Lewin.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

MARIANO, R.. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, set. 2004.

MATHIEZ, A. **As origens dos cultos revolucionários**. São Paulo: Faro, 2021.

NOVAK, Maria. **Estoicismo e epicurismo em Roma**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73765#>. Acesso em: 5 dez. 2022.

PLUCHROSE, H.; LINDSAY, J. **Injustiça social**. São Paulo: Faro, 2022.

PLUCHROSE, H.; LINDSAY, J. **Teorias cínicas**. São Paulo: Faro, 2021.

PETRONIO, R. **Gaia, antropoceno e natureza: três conceitos para compreender a transição em curso**. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=gaia-antropoceno-e-natureza-tres-conceitos-para-compreender-a-transicao-em-curso>. Acesso em: 26 nov. 2022.

SZTUTMAN, R. **A notável atualidade do animismo**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/a-notavel-atualidade-do-animismo/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1949.

ULBRA. Material Didático. **Sociedade e contemporaneidade**. Curitiba: Ed. IBPEX, 2007.

VIEIRA, Otávio. **O eterno retorno em Nietzsche: tempo, história e eternidade**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/20324/11323>. Acesso em: 6 dez. 2022.